

“MÃE BOA AMAMENTA” OU A FORÇA DA IDEOLOGIA<sup>1</sup>  
 “GOOD MOTHER BREASTFEDS” OR THE POWER OF AN IDEOLOGY  
 “LA BUENA MADRE AMAMANTA” O LA FUERZA DE LA IDEOLOGÍA

Magda Andrade Rezende\*

Bader Burihan Sawaia\*\*

Kátia Grillo Padilha\*\*\*

**RESUMO:** A produção científica e a propaganda sobre aleitamento materno veiculadas no Brasil, do século XIX em diante, apresentam-no fortemente atrelada à valoração do comportamento materno. Para reforçar a necessidade do aleitamento natural foram veiculadas, por higienistas, representações que reforçavam a vocação e santidade da tarefa materna a ponto de se configurar uma ideologia que equipara a nutriz à mãe que é “boa” e adequada. Analisa-se como se deu no Brasil esta construção ideológica, o quanto ficou obliterada no período de 1920 a 1970 aproximadamente, devido ao uso generalizado do aleitamento artificial, e seu ressurgimento na década de 70 do século XX. Propõe-se que o aleitamento materno seja estimulado pelos profissionais da área de saúde de modo não ideológico, e sim, humanista e ético.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aleitamento materno; Aleitamento artificial; Ideologia; Promoção da saúde.

## INTRODUÇÃO

A amamentação é sabidamente protetora da saúde infantil, e, inclusive, materna (Akré, 1989). Antes do advento das modernas técnicas de industrialização de leite não humano, geralmente de vaca, era, inclusive, condição importante para garantir a sobrevivência dos bebês (Moncorvo Filho, 1917; Freyre, 1978). Mas, a amamentação não é ato instintivo ou puramente biológico. Caso fosse, praticamente todas as mães amamentariam. O aleitamento natural humano é um ato social (Berquó, 1988) permeado por representações, valores, e, inclusive, ideologias (Giberti, 1985; Arantes, 1991; Nakano, 1996; Silva, 1997; Silva, 1999; Rezende, 1998; Mota, 1990; Badinter, 1985) e ocorre de modos diferentes, a depender do período histórico e do estrato social considerado. Como ato social pode ser apoiado ou não pela família, por colegas, e mesmo pelos profissionais da área de saúde.

Assim, amamentação passa por períodos de valorização e não valorização na história humana (caso consideremos um enfoque macro-cósmico), e no âmbito do círculo familiar e dos pares (em enfoque micro-cósmico).

Podemos estudar a história da amamentação em diferentes momentos e estratos sociais, no entanto não sabemos como as nutrizas de épocas pretéritas interpretavam e lidavam com a amamentação. Disto só temos evidências indiretas e analogias que podemos fazer em relação à época atual. Só recentemente os profissionais

Recebido em 01/08/03 aceito em 02/09/03

<sup>1</sup> Este trabalho é parte da tese de doutorado “Amamentação e trabalho na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: um estudo sobre representações sociais” orientada pela Profa. Dra. Bader Burihan Sawaia e co-orientada pela Profa. Dra. Kátia Grillo Padilha, e defendida em 1998.

\* Professor Doutor do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

\*\* Professor Titular do Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

\*\*\* Professor Livre Docente do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

de saúde se dispuseram a ouvir a nutriz. As pesquisas referentes ao seu ponto de vista são recentes no Brasil, tendo-se iniciado na década de 90 (Arantes, 1991).

A análise ora apresentada foi desencadeada por Orlandi (1985) e Giberti (1985). O primeiro aborda tema em texto que tem o título sugestivo "Seio materno a transbordar... política". Giberti, por sua vez, abordou a amamentação sob o recorte ideológico em mesa-redonda do 1º. Congresso Panamericano de Aleitamento Materno em 1985. Foi vaiada ao afirmar que o aleitamento vem sendo apresentada de modo ideológico às nutrizes.

Tais análises, ainda que veiculadas há quase duas décadas, continuam pertinentes. Infelizmente, pois significa que não foram incorporadas, de modo a se re-organizar o incentivo ao aleitamento materno segundo uma ótica humanista, tal como já foi, inclusive, proposto por enfermeiros (Silva, 1997; Silva, 1999; Rezende, 2000; Rezende, 2002). De acordo com esta ótica a nutriz deve ser contemplada, bem como seu entorno direto, constituído pela família, colegas, possibilidade de conseguir cuidados adequados em creches, etc.

## OBJETIVO

A finalidade deste trabalho é apresentar como se deu no Brasil a incorporação da representação "mãe boa amamenta" ao discurso científico produzido pelos profissionais de saúde, culminando em autêntica ideologia.

## METODOLOGIA

Procedeu-se do seguinte modo: analisou-se livros, manuais, artigos e folhetos a respeito de aleitamento materno produzidos por profissionais da área de saúde durante o período 1950-1997, em nosso país. Considerou-se tanto a produção dirigida aos próprios colegas, quanto à dirigida às mães. É preciso levar em conta que esta produção é muito vasta, tendo sido necessário recortá-la para a finalidade almejada. Assim, ao se fazer a seleção bibliográfica optou-se por obter e analisar os documentos bibliográficos que, em seu título, demonstrassem trabalhar com as questões relativas ao processo de aleitamento sob a ótica da nutriz, bem como documentos destinados a traçar diretrizes acerca de procedimentos necessários para uma boa lactação.

Estes documentos foram analisados com vistas a identificar representações acerca do aleitamento natural. Durante este processo percebeu-se o esforço dos profissionais para praticamente "obrigarem" a mãe a amamentar, inclusive ignorando a situação da nutriz perante a situação. O achado se configurava como uma ideologia: forma simbólica que serve ao propósito de criar ou manter relações de dominação, ou seja, que implicam em retirada de poder do outro (Guareschi, 2000). Este achado descortinou a possibilidade de se analisar o fenômeno sob uma nova ótica, indo além das representações, compreendendo como estas se prestaram à organização de uma formulação ideológica destinada a fazer com que as mães amamentassem, ou pelo menos que se sentissem responsáveis por fazê-lo, sem maiores aprofundamentos acerca da multicausalidade que leva, ou não, à amamentação. Assim, as múltiplas dimensões do aleitamento, sociais, psicológicas e econômicas, reduziram-se à polaridade do fazer ou não fazer. No momento, aproveitamos a oportunidade para deixar claro que somos absolutamente a favor da amamentação como uma estratégia de manutenção da saúde da criança. No entanto, não estamos de acordo com este modo ideológico de induzir as mulheres a amamentar, pois se trata de uma relação de poder assimétrica, na qual um dos atores tem voz: o profissional de saúde, e a nutriz, não. Usar ideologia com esta finalidade (ainda que inconscientemente) é, inclusive, anti-ético (Guareschi, 2000).

## ALEITAMENTOS MATERNO E ARTIFICIAL NO BRASIL

A amamentação era usual entre os indígenas por ocasião do descobrimento do Brasil. Já naquela época percebeu-se o espanto dos portugueses por tal prática (Caminha, 2002), pois na Europa não era comum a

amamentação, pelo menos entre as classes social e economicamente favorecidas (Badinter, 1985), e Portugal não fugia à regra (Freyre, 1978). Tal costume foi trazido ao Brasil pelas famílias ricas e poderosas que o colonizaram. Primeiramente, foram usadas como amas de leite as escravas índias, e posteriormente as africanas (Freyre, 1978). Com a gradual transferência de poder, do meio rural para o urbano, o que se deu mais intensamente ao final do século XVIII, o uso das amas tornou-se, inclusive, mercantilizado (Almeida, 1999). Essa mudança tornou necessário “adequar a tradição colonial destas elites às novas exigências econômicas e políticas advindas com o fim do pacto colonial” (Gomez, 1988), decorrentes do fortalecimento do Estado nessas terras, e que exigiam aumento do contingente populacional a fim de povoar os espaços rarefeitos de gente branca. Para isto era necessário e urgente completar esta urbanização “estatizando” os indivíduos. Vale lembrar que, até este momento, o poder era mais centrado na figura paterna do que no Estado, cabendo-lhe inclusive o direito de tirar a vida do filho, caso julgasse conveniente fazê-lo. O Estado, então, passou a valer-se da Higiene, que prescrevia “o tipo de família e a educação convenientes para a criação de um adulto identificado com a Nação/Estado” (Gomez, 1988; Singer, 1978). A família não poderia mais permanecer unicamente centrada na figura do pai, no adulto homem. A mulher precisava tornar-se “mãe amantíssima de crianças libertadas do pai e criadas para o Estado” (Gomez, 1988) [grifo nosso]. A amamentação é um exemplo disto, de um “preceito higiênico atrelado ao objetivo ideológico de controle social” (Gomez, 1988), tendo sido estimulada com os meios disponíveis na época.

É interessante notar que a França vivera o mesmo processo do século XVIII em diante, devido também a sua relativa rarefação populacional, e conseqüente necessidade de salvar crianças para o Estado, o que induziu os governantes a “apelar ao senso de dever [da mãe], culpá-la e até ameaçá-la para reconduzi-la a sua função nutrícia e maternante dita natural e espontânea” (Badinter, 1985) [grifo nosso].

A necessidade de vidas produtivas teve este efeito imprevisto: a valorização da mulher. Valorização parcial, é claro, pois ela passava a importar devido a sua utilidade.

No caso do Brasil, o discurso dos médicos passou a se orientar para este assunto, seguindo a voga européia. Assim, Moncorvo Filho (1917) eminente médico do final do século XIX, radicado no Rio de Janeiro, afirma que “a amamentação é o belo ideal da maternidade” devendo ser estimulada por todos. No entanto, percebendo que somente estímulo à amamentação pelas mães era insuficiente, canalizou seus esforços para a criação de um serviço de exame de saúde de amas. Através destas, seria possível assegurar as condições de nutrição adequadas às crianças. Evidentemente não os filhos das próprias amas, mas as do estrato dominante, ao qual ele pertencia. Veja-se um artigo do “Regulamento Interno” de seu Instituto: “Artigo 10 – A Administração do Instituto esforçar-se há sempre por dar às amas de leite a melhor collocação, satisfazendo os pedidos que recebe de famílias de nossa mais elevada sociedade [sic]” [grifo nosso] (Moncorvo Filho, 1917).

Os filhos das amas, por sua vez, ficavam aos cuidados de “criadeiras”, mulheres que se encarregavam de tomar conta de crianças, visto que aquelas precisavam morar no local de trabalho. Havia, portanto, crianças com regimes alimentares diferentes, uns melhores, outros piores, cuja qualidade era determinada pela inserção de cada um na estrutura socioeconômica. A este propósito dizia o pediatra francês Variot (uma vez que a mesma situação ocorria na França): “o comércio de amas é um comércio ilícito, sob o ponto de vista social, que nós toleramos porque, com eles, beneficiamos nossos filhos [sic]” (Moncorvo Filho, 1917).

Assim, no período que vai de meados do século XIX até o início do XX, os esforços de alguns médicos tiveram como intuito estimular o aleitamento natural, quer pela própria mãe, quer através de ama-de-leite (Moncorvo Filho, 1917).

Neste período, século XIX no Brasil, e desde o XVIII na França, havia-se criado e cristalizado a representação de que a amamentação era um dever materno. Como as mulheres reagiram a isto não sabemos, pois a voz da mulher só passou a ser ouvida muito recentemente (Arantes, 1991; Nakano, 1996; Silva, 1997; Silva, 1999;

Rezende, 1998). Para tornar este dever almejavél apelava-se para a feminilidade, e, inclusive, para a metafísica, o divino. São exemplos de exortações daquela época: "O seio é o mais delicado e estheticos dos encantos femininos e a amamentação a mais nobre e a mais terna das funções da maternidade" [sic], "amamentar é um dever" e "uma instituição divina". Este discurso está imbuído de conteúdo ideológico que pode ser resumido na expressão "mãe boa amamenta" (Moncorvo Filho, 1917).

Assim, a ideologia da "mãe boa" estava bem estruturada quando o curso dos acontecimentos foi interrompido pelo crescente progresso técnico obtido no manuseio do leite de vaca, em curso desde meados do século XIX, e especialmente início do XX, (cuidado dos rebanhos, pasteurização e pulverização do leite, etc.) (Fredericq, 1982; Müller, 1981). Em conseqüência o discurso a favor da amamentação não chegou a desaparecer completamente, mas perdeu ênfase. Vamos usar exemplos extraídos de livros publicados neste período por médicos pediatras, dirigidos tanto a seus colegas, quanto às mães.

Aldrich, em livro dirigido às mães e médicos, publicado no Brasil em 1935, preconiza a administração de uma mamadeira, uma vez por semana, juntamente com o aleitamento materno, para que a criança fosse se acostumando e se preparando para o aleitamento artificial (Aldrich, 1935).

Gesteira (1945), admite que a amamentação é o melhor para o bebê, mas que há dificuldades em sua implementação. Entende que a amamentação se impõe não só por seus benefícios à saúde, mas também, sob o ponto de vista moral, e o diz tomando as palavras de Rosseau: "o atendimento ao seu grande dever de mãe trará para a mulher uma grande satisfação e suaves compensações morais".

Outro livro dirigido às mães, também de 1945, de autoria de Ladeira Marques, recomenda também a amamentação, mas lembra que pode haver impedimentos, justificando-se o emprego de amas-de-leite ou o aleitamento artificial (completo ou misto) (Marques, 1945).

O livro "Higiene da Primeira Infância" de Pedro de Alcântara, dirigido a médicos e editado em 1951, aborda o assunto deixando evidente que a amamentação é o método de escolha, mas, caso não seja possível, que se opte por uma alimentação mista. Em casos excepcionais, a depender da saúde da criança, preconiza amas de leite, recurso difícil pelo desuso e serem poucas as potenciais candidatas (Alcântara, 1951).

Outro livro é o do pediatra norte-americano Spock (1964), dirigido aos pais, e do qual foram vendidos milhões de exemplares em todo o mundo. Na edição brasileira de 1956 afirma que a alimentação artificial havia se tornado mais "segura e fácil". Entende que este é mais seguro, pois a mãe não fica presa à criança, nem precisa se preocupar com a quantidade ingerida, pois pode vê-la. Na edição brasileira de 1964 o autor inverte a ordem de apresentação. Começa primeiro pela amamentação, mas pouco adiante repete a mesma explicação de 1956: o aleitamento artificial é seguro e fácil.

A cartilha "Livro das Mães" (Brasil, 1957), publicação do Departamento Nacional da Criança de 1957, apresenta a amamentação dizendo que é importante, mas, antes de fazê-lo já diz, no capítulo anterior: "a alimentação da criança durante os 4 primeiros meses de vida, resume-se na administração de leite aproximadamente de 3 em 3 horas, durante o dia. Ao todo, 6 mamadeiras por dia". Como se vê é um discurso contraditório: fala-se primeiro de mamadeira e a seguir de amamentação, aí sim, dizendo-se que é o melhor método.

No Brasil, outra obra escrita por médico pediatra foi popular (ainda é), a de Lamare (1958), que em seu livro de 1958, dirigido às mães, apresenta a amamentação como a melhor alternativa, mas também deixa claro que, caso necessário, recorre-se ao aleitamento artificial ou às amas de leite, cada vez mais raras.

Como se vê, a literatura deste período veiculava a idéia de que havia impedimentos à amamentação, deixando aberto o caminho para o uso de seus substitutos. Com esta abertura as indústrias de leites infantis encontraram um terreno propício à expansão de suas atividades. Sabe-se, no entanto, que esta "legitimação" do aleitamento artificial se deu, em grande parte, devido à influência da indústria que praticamente cooptou parcelas da classe médica e de administradores das políticas públicas em saúde infantil (Fredericq, 1982; Müller, 1981).

No início deste período (décadas de 20 e 30) ainda eram preconizados amplamente lactogogos, além das amas de leite, caso necessário (Goldenberg, 1988, Rocha, 1939). Tratava-se de um período de transição. Pouco depois, década de 40, lactogogos e amas praticamente desapareceram (Alcantara, 1951; Spock, 1964; Spock, 1956; Brasil, 1957, De Lamare, 1958; Goldenberg, 1988).

Durante as décadas de 20 a 70, aproximadamente, o uso do leite de vaca industrializado passou a ser fortemente estimulado junto às mães e médicos pediatras, por meio de propaganda. A ênfase se deslocou do aleitamento natural humano para o artificial, mas com o uso da mesma estratégia: apresentando à mãe e ao médico quão bom era o aleitamento artificial. Usou-se argumentos de peso para forçar isto: a autoridade do médico, a (possível) impossibilidade para produzir leite, e a boa formação do cidadão (Golbenberg, 1988). São exemplos disto: "Czerny, Finkelstein, Pfaundler e muitas outras notabilidades médicas do Brasil e do exterior recomendam os afamados produtos Edelweiss [sic, Czerny, Finkelstein e Pfaundler eram médicos pediatras europeus famosos na época. Anúncio publicado em 1931 a 33 na revista médica "Pediatría Prática"]" (Golbenberg, 1988).

Outro anúncio foi este, publicado na mesma revista em 1944: "Se faltar ou não fôr suficiente o leite materno... [sic]" (Golbenberg, 1988).

E finalmente:

"Com a primeira mamadeira se forma um cidadão" (Golbenberg, 1988), publicado em boletim do Departamento Estadual da Criança, do Estado de São Paulo, em 1954. Este último merece destaque, pois demonstra o quanto o aleitamento artificial havia se tornado política pública oficial de alimentação. São desta época os lactários públicos que faziam a distribuição de leite industrializado e outras publicações apresentam os dados relativos ao incremento da distribuição de leite como indicativo de progresso da nação (Golbenberg, 1988).

Nos anos 70 houve dois acontecimentos decisivos que mudaram o rumo desta história: o poderio das companhias produtoras de leites infantis foi conhecido do grande público com o trabalho do jornalista Müller (1981), que denunciou as práticas antiéticas das indústrias de leites infantis. Houve intensa mobilização da sociedade civil nos países de Primeiro Mundo contra estas táticas abusivas de comercialização e propaganda, chegando a haver boicote a produtos fabricados pela Nestlé (Orlandi, 1985).

O segundo fator decisivo foi a eclosão de pesquisas sobre amamentação por parte de profissionais da área de saúde, que tomou impulso desta época e que pode ser atribuído a: (1) descoberta da importância do vínculo afetivo entre mãe e filho; e (2) descoberta de que o leite de vaca, industrializado ou não, causava efeitos colaterais à saúde da criança.

Quanto mais as pesquisas mostravam a importância da amamentação para a prevenção de doenças e melhoria do estado geral de saúde do bebê, mais se reforçava a representação ideológica da mãe amamentadora. Para que se tenha idéia citamos alguns exemplos de exortações dirigidas às mães e/ou profissionais da área de saúde publicados nas décadas de 80 e 90:

"Boas mães através da amamentação" (Boletins dirigidos à mães, 1984-86) (La Leche League, 1984, 1985, 1986).

"Cartilha de amamentação: doando amor" (Título de cartilha dirigida à mães, 1982) (Murahovschi et al., 1982).

"A amamentação é uma das coisas mais naturais na vida. Naturalmente" (De cartilha dirigida à mães, 1984) (Endresen, Helsing, 1984).

"Amamentar é amar!" ("Slogan" de campanha dirigida à mães, s.d.).

"A alimentação ao peito é algo natural, e o natural é algo que merece apoio, incentivo e defesa" (De cartilha dirigida à mães, 1984) (Varela, 1984).

Esta última frase é dirigida às mulheres que não tinham conseguido amamentar. O autor afirmava ser compreensível que algumas não conseguissem fazê-lo, por não terem tido ajuda, por dificuldades caseiras, devido a outros filhos a atender, devido à preocupações econômicas, doenças, conflitos com o marido, etc. Ou seja, o autor considerava a amamentação fato natural, mas que pode ser frustrada por bom número de dificuldades domésticas corriqueiras. Logo após, usando sua prerrogativa de médico pediatra faz uma afirmação que pode gerar angústia na mãe zelosa:

"Contudo, os pediatras sabem que a amamentação significa de fato uma vantagem para a saúde física e psíquica da criança".

A esta se segue outra frase não menos preocupante:

"Portanto, pediria às mães que não tiveram outro recurso senão alimentar artificialmente seus filhos que, pelo menos, não desanimem as que estão tentando."

Outras publicações trilham o mesmo caminho, como esta:

"Amamentar é um ato ecológico" (Título de cartilha dirigida à mães, 1997)(Waba, 1997).

A forma como o problema é colocado – ato ecológico – praticamente inviabiliza qualquer possibilidade de contestação. Como fazê-lo, se ecologia é algo politicamente correto? O texto da cartilha traz, contudo, informações muito importantes e pertinentes. Por exemplo, a respeito das embalagens de leites industrializados, sobre seu custo monetário e seu custo ambiental.

O que se critica é a divulgação destas informações em um texto dirigido às mães, como se elas pudessem, de posse das mesmas, modificar radicalmente suas condições de vida. A própria cartilha fala sobre "empresas que não têm creche nem apoiam as mães que amamentam" e enfatiza o poderio da indústria e da propaganda. Como é possível fazer uma proposta sem fornecer subsídios para que isto aconteça?

Assim, pesquisas sobre aleitamento natural humano e a progressiva consolidação da ideologia "mãe boa amamenta" como valor se deram praticamente ao mesmo tempo (Jelliffe, 1975; Jelliffe, 1988). Deste modo, de meados de 70 até o final dos 80, já se havia consolidado a idéia de que a mãe tinha que ser estimulada a amamentar, comentando-se muito pouco sobre as condições necessárias para que ela o fizesse.

Vê-se que, nós, os profissionais da área de saúde temos dificuldade para trabalhar com a multicausalidade e a determinação histórica de saúde/doença, o quê acarreta, como consequência, uma visão limitada sobre a capacidade de intervenção no mundo. Conseqüentemente a essa visão, a atuação cabível é a centrada no próprio indivíduo (a mãe), cabendo a este modificar e criar situações a fim de preservar e manter sua saúde. Este raciocínio – transportado para o aleitamento materno – originou ações com a finalidade de pressionar a mãe a amamentar, sem propiciar a ela qualquer questionamento quanto a possibilidade concreta para fazê-lo.

A desconsideração da necessidade de apoio social para que a amamentação aconteça com um mínimo de percalços (pelo menos) não é novidade, e já havia sido levada em conta pelo diretor-executivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) James Grant (Grant, 1984) por ocasião do lançamento do Programa Nacional para Incentivo ao Aleitamento Materno em 1981, pela jornalista Abramo (1981), pelos professores Vinha (1984) e Martins Filho (1985), bem como pelo médico pediatra Orlandi (1985):

"É por isso que, nas campanhas atuais, muita coisa foi copiada ou adaptada das técnicas utilizadas no séculos passado...(...). Como no século passado, voltou-se a incentivar o 'amor materno' um sentimento, ele pode ser manipulado e exaltado. Portanto, trata-se de motivar as mães, de enaltecer aquelas que amamentam, mostrando que dar o seio aos filhos é 'doar amor' e 'carinho'. Os títulos dos livros e folhetos, bem como as legendas dos cartazes atuais, refletem essa mensagem. (...) Como no século passado, a propaganda ameaça a mãe que não amamenta" [grifo nosso] (Orlandi, 1985).

Vê-se, portanto, ao longo deste processo histórico o quanto o ser humano pode ser manipulado tanto a favor, como contra, devido a uma capacidade crítica escassa. Se por um lado é uma constatação lamentável, e até deprimente por outro descortina a possibilidade de retomada transformadora da prática cotidiana, o que é auspicioso.

## CONCLUSÃO

Vale a pena retornarmos ao conceito de ideologia e especialmente sua conseqüência iatrogênica: a falta de ética que ocorre quando se reduz o ser humano a um objeto ou uma ferramenta. Foi isto que aconteceu no momento que a nutriz reduziu-se a sua função nutridora. Para que exercesse sua função, o discurso do profissional de saúde passou a se voltar unicamente a uma questão: como fazê-la amamentar. Não lhes ocorreu que perguntar à própria nutriz daria informações interessantes sobre o modo de fazê-lo.

Sem dúvida, é importante que as mães amamentem, mas a atividade de promover a amamentação precisa ser reorganizada de acordo com valores humanos, como já tivemos oportunidade de apresentar em momentos anteriores (Rezende, 2000; Rezende, 2002).

Caso não o fizermos correremos o risco de continuar uma prática não-humanista e antiética. Os discursos de mães entrevistadas (Arantes, 1991; Rezende, 1998; Javorski, 1997) demonstram o quanto se sentem não-compreendidas e julgadas por profissionais de saúde. Muitas se sentem culpadas por não conseguirem amamentar. Tudo isto demonstra o quanto a ideologia funciona como instrumento de pressão. Devido a isto precisamos reorientar o cuidado (cuidar da mãe, bem como de sua família, para que esta também lhe dê suporte) e pugnar por conseguir condições ambientais propícias à amamentação (equipes de saúde capacitadas em cuidado humano, berçários, creches e legislação trabalhista adequada).

**ABSTRACT:** The scientific production and the publicity over maternal breastfeeding propagated in the Brazil of the XIX Century and onwards, display it as strongly linked to the valuation of the maternal behavior. So as to reinforce the necessity of natural breastfeeding, hygienists set forth representations that reinforced the vocation and sanctity of the maternal task, to the point such that an ideology was shaped matching the wet-nurse to the mother who is "good" and adequate. This ideological construction is analyzed as to how it occurred in Brazil, how far it was obliterated during the period from approximately 1920 to 1970, due to the widespread use of bottle feeding, and its resurgence in the 70s decade of the XX Century. It is proposed that maternal breastfeeding be stimulated by the professionals in health promotion, not in an ideological mode, but in a humanistic and ethical one.

**KEY WORDS:** Breast feeding; Bottle feeding; Ideology; Health promotion.

**RESUMEN:** La producción científica y la propaganda sobre la lactancia materna vehiculadas en el Brasil, del siglo XIX en adelante, se presentan fuertemente vinculadas a la valorización del compartamiento materno. Para reforzar la necesidad de la lactancia natural fueron vehiculadas por higienistas, representaciones que reforzaban la vocación y santidad de la tarea materna a punto de configurar una ideología que equipara la nodriza a la madre que es "buena" y adecuada. Se analiza cómo se dio en Brasil esta construcción ideológica, y cuánto quedó obliterated durante el período de 1920 a 1970, aproximadamente, debido al uso generalizado de la alimentación artificial, y su resurgimiento en la década de 70 del siglo XX. Se propone que la lactancia materna sea estimulada por los profesionales del área de salud, no de modo ideológico, y sí humanista y ético.

**PALABRAS CLAVES:** Lactancia materna; Alimentación artificial; Ideología; Promoción de la salud.

## REFERÊNCIAS

- 1 ABRAMO, R. Amamentação garante direitos à mulher. Folha de S. Paulo, 22 mar. 1981, p.45.
- 2 AKRÉ, J. Alimentação infantil: bases fisiológicas. São Paulo: Instituto de Saúde, 1989.
- 3 ALCANTARA, P. Higiene da primeira infância. São Paulo: Nacional, 1951.
- 4 ALDRICH, C. A. Como desenvolver o apetite da criança. São Paulo: Nacional, 1935.
- 5 ALMEIDA, J. A. G. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- 6 ARANTES, C. I. S. O fenômeno amamentação: uma proposta compreensiva. Ribeirão Preto, 1991. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- 7 BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- 8 BERQUÓ, E.; MORAES, M.L.Q.; REA, M.F.; PERES, E.; PINHO, E.; TOMA, T. Avaliação do Plano Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno – 1981-1987: resultados preliminares para a Grande São Paulo. São Paulo: Cebrap/Finep/MS, 1988.
- 9 BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento Nacional da Criança. Livro das mães. Rio de Janeiro, 1957.
- 10 CAMINHA, carta de Pero Vaz de obtida em <http://orbita.starmedia.com/~hpcaminha/> em 30 jul. 2002.
- 11 DE LAMARE, R. A vida do bebê: ensinamentos e conselhos modernos e práticos, escritos especialmente para as mães criarem e educarem o seu filho, desde o 1º dia de vida até completar os 2 anos, justamente na idade mais importante, difícil e interessante do ser humano. Rio de Janeiro: Borsoi, 1958.
- 12 ENDRESEN, E. H., HELSING, E. Amamentando sua criança. Campinas: CEMICAMP, 1984.
- 13 FREDERICQ, A. A babá dos brasileiros: uma multinacional no setor leiteiro. In: CORADINI, L.; FREDERICQ, A. Agricultura, cooperativas e multinacionais. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.91-184.
- 14 FREYRE, G. Casa-grande e senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- 15 GESTEIRA, M. Puericultura: higiene alimentar e social da criança. Rio de Janeiro: Epasa, 1945.
- 16 GIBERTI, E. Recentes progressos na investigação sobre o relacionamento mãe-pai-filho-profissional durante o processo de aleitamento materno. In: 1º Congresso Panamericano em Aleitamento Materno, 1985. Maio 12-15; Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- 17 GOLDENBERG, P. Consumo e reprodução social: o desmame precoce da perspectiva do marketing do leite em pó num país subdesenvolvido. In: GOLDENBERG, P. Repensando a desnutrição como questão social. Campinas: Unicamp, 1988. p. 95-150.
- 18 GOMEZ, F.Z. Mulheres e crianças primeiro!: o caráter da intervenção do Estado no grupo materno-infantil da colônia ao milagre brasileiro. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- 19 GRANT, J. Situação mundial da infância – 1984. Brasília: UNICEF, 1984.
- 20 GUARESCHI, P. (Org.). Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes, 2000.
- 21 JAVORSKI, M. Os significados do aleitamento natural para mães de prematuros em cuidado canguru. Ribeirão Preto, 1997. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- 22 JELLIFFE, E. F. P. Protein-calorie malnutrition of early childhood: two decades of malnutrition. Aberdeen: Commonwealth Agricultural Bureau, 1975.
- 23 \_\_\_\_\_. Programmes to promote breastfeeding. Oxford: Medical Publications, 1988.
- 24 LALECHE LEAGUE (Brasil). BoLLLetim Informativo, Maceió, v.5, n.6, p.1, 1984.
- 25 \_\_\_\_\_. BoLLLetim Informativo, Maceió, v.6, n.1-6, p.1, 1985.
- 26 \_\_\_\_\_. BoLLLetim Informativo, Maceió, v.7, n.1, p.1, 1986.
- 27 MARQUES, L. Manual das mães. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1945.
- 28 MARTINS Fo., J. Qual é a questão da amamentação. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- 29 MONCORVO Fo., A. A Higiene infantil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917.
- 30 MOTA, J. A. C. Ideologia implícita no discurso da amamentação materna e estudo retrospectivo comparando crescimento e morbidade de lactentes em uso de leite humano e leite de vaca. Belo Horizonte, 1990. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais.

- 31 MÜLLER, M. O matador de bebês. Campinas: CEMICAMP, 1981.
- 32 MURAHOVSKI, J.; NASCIMENTO, E. T.; TERUYA, K. M.; BUENO, L. G. S. Cartilha de amamentação: doando amor. São Paulo: Almed, 1982.
- 33 NAKANO, A. M. S. O aleitamento no cotidiano feminino. Ribeirão Preto, 1996. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- 34 ORLANDI, O. Teoria e prática do amor à criança: introdução à pediatria social no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- 35 REZENDE, M. A. Amamentação e trabalho na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: um estudo sobre representações sociais. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- 36 REZENDE, M. A. Amamentação: uma necessária mudança de enfoque. Rev. Esc. Enferm. USP, São Paulo, v.34, n.2, p.226-229, 2000.
- 37 REZENDE, M. A.; SIGAUD, C. H. S.; VERÍSSIMO, M. De La ÓR; CHIESA, A. M.; BERTOLOZZI, M. R. O processo de comunicação na promoção do aleitamento materno. Rev Latino-am Enfermagem, Ribeirão Preto, v.10, n.2, p.234-238, 2002.
- 38 ROCHA, J. M. Cartilha das mães. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1939.
- 39 SILVA, I. A. Amamentar: uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios. São Paulo: Robe; 1997.
- 40 SILVA, I. A. Construindo perspectivas sobre a assistência em amamentação: um processo interacional. São Paulo, 1999. Tese (Livre-docência) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- 41 SINGER, P.; CAMPOS, C.; OLIVEIRA, E. M. Prevenir e curar: o controle social dos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- 42 SPOCK, B. Como cuidar de seu filho: guia dos pais. Rio de Janeiro: Atheneu, 1956.
- 43 SPOCK, B. Meu filho, meu tesouro: como criar seus filhos com bom senso e carinho. Rio de Janeiro: Record, 1964.
- 44 VARELA, C. B. A arte de amamentar seu filho. Petrópolis: Vozes, 1984.
- 45 VINHA, V. H. P. Amamentação materna: incentivo e cuidados. São Paulo: Sarvier, 1984.
- 46 WABA BRASIL/GRUPO ORIGEM (Brasil). Amamentar é um ato ecológico. S/l: Waba Brasil/Grupo Origem, 1997.